**DO PLANEJAMENTO À AÇÃO PEDAGÓGICA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: DISTANCIAMENTOS E APROXIMAÇÕES**

**Francisca Rosângela Freitas Oliveira**

Graduanda do sétimo período do curso de Pedagogia CAMEAN/UERN

[Rosymel-10@hotmail.com](mailto:Rosymel-10@hotmail.com)

**Maura Fábia de Freitas Alves**

Graduanda do sétimo período do curso de Pedagogia CAMEAN/UERN

[Mauraallves@hotmail.com](mailto:Mauraallves@hotmail.com)

**Maria da Conceição Costa**

Professora Doutora do Departamento de Educação – DE CAMEAM/UERN

[Ceicaomcc@hotmail.com](mailto:Ceicaomcc@hotmail.com)

**RESUMO**: Este artigo apresenta reflexões acerca do planejamento da ação pedagógica, discutindo sobre distâncias e aproximações observadas no plano de aula e seu desdobramento em sala de aula, construído como parte integrante da disciplina Práticas Pedagógicas Programadas III, ministrada no 3º período do curso de Pedagogia, do Departamento de Educação do *Campus* Avançado Profª. Maria Elisa de Albuquerque Maia – CAMEAM, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. Os caminhos bibliográficos traçados nos permitiram comparar a teoria e a prática de um plano de aula referente ao 1º Ano do Ensino fundamental em uma escola da rede municipal de ensino do município de São Francisco do Oeste/RN. Para a referida atividade foi necessário o recolhimento de um plano de aula e a observação do desdobramento deste em sala de aula. Os dados mostram que existe coerência entre o plano e o seu desenvolvimento, como também disparidades. Os procedimentos didáticos foram desenvolvidos conforme o planejado, no entanto os objetivos traçados não foram atingidos de acordo com o propósito descrito.

**PALAVRAS-CHAVE**: Planejamento, ação docente, distanciamento, proximidade.

1. **INTRODUÇÃO**

Para contribuir relevantemente com a formação humana, o processo de ensino deve apresentar um conjunto das tarefas educativas exigidas pela vida em sociedade, os conhecimentos teóricos e práticos da educação utilizados em sala de aula devem ter vínculos com a prática social global tendo como finalidades educativas as condições de aprendizagem dos alunos. O planejamento é a ferramenta necessária para o professor concretizar seus objetivos, criando planos de ação, superando suas dificuldades e alcançando os seus objetivos.

A referente pesquisa evidencia a análise de um plano de aula descrevendo seus elementos constitutivos e seu desdobramento em sala de aula, analisando a importância do ato de planejar, tendo como foco a funcionalidade das atividades propostas na realidade da turma, a sua fundamentação teórica e a prática docente.

Sabemos de uma maneira geral, que planejar é uma atividade inerente ao ser humano, uma atividade que envolve análise, reflexão e previsão. Partindo desses pressupostos, o planejamento é uma atividade humana que se faz presente no cotidiano de todos os indivíduos.

Dessa forma, o plano de aula é primordial para a organização da aula, sendo um instrumento de previsões de dificuldades e realização dos objetivos voltados ao ensino. A relevância do planejamento é reconhecida quando este é encarado como “um processo de racionalização, organização e coordenação da ação do docente, articulando a atividade escolar e a problemática do contexto escolar” (LIBÂNEO, 1994, P. 98). Este e caracteriza por ser a base para definir prioridades e estabelecer metas, criando condições de realização dos objetivos voltados ao processo de ensino.

Tendo em vista o exposto, este estudo tem como objetivo principal compreender a importância do planejamento, analisando a funcionalidade e o desenvolvimento do plano de aula na prática do docente, fundamentados na observação do desenvolvimento do referido plano, identificando aproximações/distanciamentos partindo de uma acareação entre a teoria e a prática.

1. **REFERENCIAL TEÓRICO**

O planejamento é um dos norteadores da prática docente, instrumento de sistematização de ações para alcançar objetivos. Sendo assim, se define como uma ferramenta indispensável da prática pedagógica. Seus critérios de constituição é uma forma organizacional de orientação para o trabalho docente. Nesse ínterim, se configura como uma projeção das ações e procedimentos, que podem ou não ser efetivados.

Libâneo (1994, p. 72), ao tratar do planejamento, elenca alguns requisitos em que o professor deve ter “[...] conhecimento e domínio dos vários métodos de ensino e procedimentos didáticos, a fim de poder escolhê-los conforme temas a serem tratados, características dos alunos”. Na sala de aula, há um público com características diversas, oriundos de diversificados contextos sociais, culturais, entre outros. Por isso, o educador deve ter um olhar minucioso ao planejar, para que em seus objetivos possa despertar a curiosidade e o prazer em aprender, considerando as especificidades e os conhecimentos prévios dos alunos. Dessa forma, haverá interação significativa sobre o tema tratado, em que se ressignifica o processo de ensino e se possibilita reflexões, em sala de aula.

O ensino engloba um conjunto de fatores indissociáveis, sobre a essa ótica Libâneo enfatiza que:

A dimensão educativa do ensino [...], implica que os resultados da assimilação de conhecimentos e habilidades se transformem em princípios e modos de agir frente à realidade, isto é, em convicções, requerem do professor uma compreensão clara do significado social e político do seu trabalho, do papel da escolarização no processo de democratização da sociedade, do caráter político-ideológico de toda educação, bem como das qualidades morais da personalidade para a tarefa de educar(LIBÂNEO, 1994, P. 79)

O ser professor vai muito além do que dominar os conteúdos propostos nos materiais didáticos requer uma série de habilidades em que o docente deve ter amplo conhecimento, e assim, assegurar uma aprendizagem integral aos seus educandos. É uma atividade desafiadora, que implica desafio, mas que pode ser desempenhada com comprometimento, respeito e afeto com os envolvidos no processo educacional.

Na construção do conhecimento, sabemos que é preciso considerar que existe uma pluralidade de saberes que devem ser mobilizados objetivando transpor a prática pedagógica. Percebemos o quanto é necessário despertar no futuro docente saberes que lhe permitam (res)ignificar o ensino, compreendendo a dimensão social e política da educação. Nesse contexto, alguns saberes são provenientes da formação ou experiência e alguns se mesclam formando novos saberes, “[...] pode-se definir o saber docente como um saber plural, formado pelo amalgama, mais ou menos coerente, de saberes oriundos da formação profissional e de saberes disciplinares, curriculares e experienciais. [...]” (TARDIF, 2011, p. 36).

Os saberes de formação profissional são encontrados nas instituições de formação de professores, objetos de conhecimentos das ciências humanas e da educação. Neste, o ensino e o docente se comtemplam não só repassando conhecimento, mas incorporando a sua prática. Por sua vez, a prática mobiliza uma gama de ações que podem ser definidas como os saberes pedagógicos, ou seja, concepções sobre a prática promovendo um pensamento racional sobre a realidade do ensino.

Os saberes disciplinares são selecionados pelas instituições de ensino superior, esses conhecimentos advêm da formação inicial ou continuada através das disciplinas ofertadas pelas universidades. Denominamos assim, pois comtempla a realidade em que o educador está inserido, o saber curricular é o padrão instituído pela escola, assim, o professor tem que adequá-los a sua prática e os saberes experienciais são adquiridos ao longo dos anos de atuação na sala de aula que aproxima o docente das vivências com as situações que cercam o universo escolar.

É possível perceber que “[...] quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. [...]” (FREIRE, 1996, p.23). Assim, ressalta-se a autonomia do professor como uma das vertentes para a mediação do aprendizado, esse ocorre na medida em que acontece a troca de saberes entre professor e aluno, ocasionando o enriquecimento da prática pedagógica do professor que com o respeito a realidade de seus educandos consegue se adequar as mais diversas situações que constroem seu saber experiencial como um todo.

Ensinar não é só repassar conhecimento, mas criar situações para que o indivíduo consiga construir suas próprias percepções acerca da realidade que o limita, por isso exige do professor uma consciência crítica que desenvolva nos alunos ações planadas no saber – pensar para que possa indagar sobre sua própria realidade.

Zabala (1998) atenta para a complexidade do processo educacional centrada na formação de indivíduos pertencentes a uma sociedade que carregam consigo particularidades distintas sejam elas, biológicas ou comportamentais e mais prontamente saberes que não constituídos na escola, mas, interpretações oriundas do contexto que os cercam.

Partindo desse pressuposto, Zabala norteia nossas discussões discorrendo que para se chegar à intencionalidade educacional ou ao objetivo dos alunos é necessário compreender que existem tipos de conteúdo, definidos em quatro vertentes (os factuais, conceituais, procedimentos e atitudinais) tendo em vista que cada um desses corresponde a uma associação de outra natureza.

É comum atribuir o significado de conteúdos a conhecimentos de disciplinas clássicas que fazem parte da estrutura curricular de determinado curso e como único meio de adquirir novas habilidades e saberes. Mas, Zabala nos chama atenção para isto, afirmando que:

Devemos nos desprender desta leitura restrita do termo “conteúdo” e entendê-lo como tudo quanto se tem que aprender para alcançar determinados objetivos que não apenas abrangem as capacidades cognitivas como também incluem as demais capacidades (ZABALA, 1998, p.30).

Sendo assim, não convém restringir o sentido de conteúdos, unicamente, ao que se aprende nas disciplinas escolares, tendo em vista que é possível desenvolver novas habilidades em ambientes diversos, onde se estabelecem relações de afeto, entre outras.

Zabala (1998) vem abordar três tipos de conteúdos que são indispensáveis a prática do professor, já mencionados anteriormente. Os conteúdos procedimentais têm por objetivo o envolvimento do aluno, em que ele possa realizar alguma atividade e assim, contribua significativamente para seu desenvolvimento em múltiplas áreas. Nos conteúdos atitudinais, estão reunidos valores, atitudes e normas, que requer do aluno uma avaliação e postura diante das situações diversas. Conteúdos conceituais tratam da construção de novos conhecimentos pelos alunos, através dos quais eles desenvolvem novas habilidades ao compreender o conceito de determinados temas, e assim, possam aplicá-los em outras situações. É possível trabalhar com todos estes conteúdos, reconhecendo a sua relevância e usando-os no momento oportuno. Para que isto aconteça de maneira eficaz, é interessante que no planejamento da aula, o professor conheça seus alunos e, assim, possa direcionar o ensino e os procedimentos que precisam ser avaliados.

Ensinar não é só repassar conhecimento, mas criar situações para que o indivíduo consiga construir suas próprias percepções acerca da realidade que o limita, por isso exige do professor uma consciência crítica que desenvolva nos alunos ações planadas no saber – pensar para que possa indagar sobre sua própria realidade.

1. **ANÁLISE DOS DADOS**

O ato de planejar acompanha o ser humano desde os primórdios, se faz necessário para a execução das tarefas mais simples às complexas. No contexto escolar, fazer uso dos planos se constitui como reflexão cerca da realidade, na tentativa de efetuar eventuais mudanças nos objetivos que não foram possíveis de se realizar. Na educação, é fundamental a relação entre teoria e prática, os planos de aula devem ser fundamentados, levando em consideração as diversidades de realidades existentes nas salas de aula.

Nesse sentido, analisamos um plano de aula e o desdobramento deste em uma turma de primeiro ano do Ensino Fundamental estabelecendo paralelos coexistentes. Para tanto, analisaremos partes do planejamento associando-as com a observação da aula referente ao plano analisado, para fins comparativos, pontuados nos critérios de aproximação e distância entre eles.

A professora colaboradora é Graduada em Letras, está cursando Pedagogia e é Especialista em Psicopedagogia com sete anos de experiência em níveis diferentes de atuação e pertence ao quadro efetivo da escola. A turma é composta por vinte alunos e o espaço da sala de aula é restrito. Segundo a professora, nos primeiros dias de aulas, a a turma era organizada em filas, com o decorrer do tempo, a docente precisou alterar a organização da sala objetivando um melhor aproveitamento do espaço, dividindo-a em dois grupos: A e B; segundo seu depoimento a atitude foi viável, pois trouxe espaço para que a mesma pudesse circular entre as cadeiras e ajudar os alunos nas tarefas. O diálogo com a docente nos proporcionou conhecer previamente o perfil da turma, nos ajudando a compreender seu comportamento diante da observação realizada.

Ao iniciar a aula a docente realiza a oração da turma, seguindo a rotina do dia: calendário, leitura do alfabeto, dos números, abordagem das regras de convivência e das palavrinhas mágicas[[1]](#footnote-1) e a leitura deleite. A professora expõe um alfabeto com todas as sequências de letras, enfatiza questionamentos orais para que os alunos possam relembrar das vogais e consoantes, exploradas em aulas anteriores, considerando que os alunos também já tinham estudado as sequências no ano anterior. Os alunos, de fato, lembraram e identificaram as vogais e consoantes.

Em seguida, a professora retira uma caixa que contém as letras do alfabeto separadas e realiza um “desfile das letrinhas”, em que cada aluno desfila com uma letra e coloca-a em sua sequência, desenvolvendo, assim, a percepção acerca das letras que vem antes e depois. As crianças colaboram com a atividade, acham interessante, a professora lê com os alunos um pequeno texto, solicita que identifiquem quais as vogais e consoantes aparem no texto, objetivando que também observem as que não apareceram. A explanação oral desenvolve no aluno fixação acerca do assunto estudado. Logo em seguida, a docente aplica duas atividades xerografadas com conteúdo bem ilustrado, o que remete a atenção dos alunos. Na sequência, a professora realiza um bingo de letras, um jogo dinâmico que faz com que os alunos interajam com a proposta do plano de aula e para finalizar a aula, encaminha uma tarefa de casa com o objetivo de fixação do conteúdo estudado em sala de aula.

Diante do exposto, o plano apresentou coerência com a prática, a professora desenvolveu a aula atingindo os critérios propostos no início, porém quanto aos objetivos definidos *“ampliar as capacidades e habilidades de produção espontânea procurando avançar, em suas hipóteses sobre leitura e escrita, utilizando situação da realidade social e do cotidiano que promova a compreensão da língua oral e escrita”*,observamos que as atividades realizadas pouco contemplaram os objetivos propostos, sendo que estas não possibilitaram a construção do conhecimento, os conceitos. Apesar da docente ter conseguido trabalhar o conteúdo planejado (vogais e consoantes), na atividade prática os alunos não conseguiram assimilar a relação destas letras no contexto social. Assim, os conceitos não foram construídos porque a aula assumiu um caráter de decodificação, com atividades funcionais descontextualizadas, sem nenhuma relação com as outras áreas do conhecimento – ausência de interdisciplinaridade.

Segundo Zabala (1998), o conteúdo a ser utilizado deve apresentar especificidade, clareza. Os conteúdos possuem uma tipologia que não está especificada no plano, os mesmos se desdobram em *“sistema alfabético; imagens, tipos de palavra, alfabeto e consoante”*, que neste caso é o procedimental, considerando a indissociabilidade entre eles no fazer pedagógico. Salientando que a aprendizagem desses conteúdos acontece de forma heterogênea, pois esse processo é dependente de fatores emocionais, cognitivos e comportamentais de cada indivíduo que estar em sala de aula tendo acesso ao conteúdo, caracterizando assim, como uma prática voltada mais para a reflexão e avaliação da própria atuação.

As tipologias nos permitem entender em qual categoria os conteúdos são interpretados, no entanto, cabe ressaltar que uma prática voltada para a formação integral implica a indivisibilidade correlacionando-os. A escolha de conteúdos não deve se pautar apenas no conhecimento acerca do mesmo, sobretudo, naquilo que se deseja conhecer, aprender. Outra importante reflexão a se fazer é se os conteúdos elencados são realmente aprendidos, pois devemos considerar o sujeito aprendiz e toda a sua peculiaridade. O planejamento deve atender as necessidades da turma porém não basta trabalhar os conteúdos, mas entender que estes devem fazer parte da cultura do aluno, resultando na motivação em aprender. Dessa forma, a aproximação do sujeito com a sua cultura proporciona a compreensão, a aplicabilidade e a construção de conceitos.

Sabemos que o critério de avaliação é uma parte integrante do plano de aula que merece muita reflexão na prática docente. A maneira que escolhemos para avaliar a aprendizagem do aluno deve ser objetiva para resultados mais coerentes, nas turmas de primeiro ano da rede pública, ela deve ser bem discriminada, uma vez que não utilizamos notas, mas sim registros. Quanto à avaliação apresentada no plano de aula não houve uma descrição como ela se efetiva, isso também não esteve claro na observação da aula. No plano de aula, aa avaliação era assim descrita: *“Deverá ser de maneira processual, tendo como base as atividades desenvolvidas em sala de aula, verificando avanços e dificuldades que serão registradas”.* Ou seja, não foram elencados critérios para avaliar a participação oral e escrita das crianças, diante da pluralidade de atividades desenvolvidas. Houve um momento de socialização das atividades, no entanto, não foi feito registro sobre essa atividade, foi uma ação produtiva que a docente desperdiçou para analisar a evolução da aprendizagem dos alunos. O registro deve ser realizado, continuamente, ao contrário, traz prejuízos na avaliação. Contudo, o resultado da análise do plano e da práxis apresentou coerência parcial considerando distanciamentos entre eles.

Portanto, um bom plano de aula além de apresentar seus critérios constitutivos, deve considerar a subjetividade dos sujeitos, priorizando a formação do conhecimento, possibilitando momentos de reflexão e construção de concepções discentes sobre determinado conteúdo.

1. **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O planejamento é de suma importância para a ação docente, a conclusão deste trabalho nos permitiu identificar que o plano estava parcialmente articulado com as necessidades dos discentes para desenvolver a construção do conhecimento. Considerando o exposto, o confronto entre a teoria e a prática foi de grande contribuição para a compreensão e o entendimento das aproximações/distanciamentos entre o planejar e o fazer pedagógico. Na ação docente nem é possível alcançar o idealizado, pois há a influência da subjetividade, de práticas docentes nem sempre claras em relação aos seus objetivos.

O que percebemos é que o plano de aula se configura como um grande aliado do docente, no entanto, este não deve se assumir apenas como uma exigência burocrática. Na sua elaboração é necessário uma ponderação especial na escolha e descrição dos elementos que irão compor suas partes.

No nosso trabalho investigativo constatamos a ausência da interdisciplinaridade, ou seja, o conteúdo e as atividades trabalhadas não estabeleceram uma conexão com as outras áreas do conhecimento. Apesar de todo o desdobramento das atividades propostas, houve pouca relação com outros contextos de aprendizagem do aluno. A proposta planejada focou mais no modo de alfabetização baseado nos processos de codificação e decodificação da língua.

Outro ponto a ser discutido foi à forma atribuída ao processo avaliativo, o termo registro foi mencionado no plano de aula, no entanto, os critérios avaliativos para cada atividade não foram descritos nem observados.

1. **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994. (Coleção magistério. 2º grau. Serie formação de professores).

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

ZABALA, Antoni. A Função social do ensino e a concepção sobre os processos de aprendizagem: instrumentos de análise. In.\_\_\_\_\_\_\_. **A prática educativa**: como ensinar. Artmed: Porto Alegre, 1998.

1. Atividade introdutória de rotina que aborda as palavras norteadoras da convivência humana. [↑](#footnote-ref-1)